



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

JÚNIA BARBOSA LUZ DO RÊGO

**A ROTINA DA CRECHE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL
- Um estudo realizado na Creche Municipal Félix Araújo - Campina Grande -PB**

Campina Grande - PB
Novembro/2016

JUNIA BARBOSA LUZ DO RÊGO

A ROTINA DA CRECHE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL
- Um estudo realizado na Creche Municipal Félix Araújo - Campina Grande -PB

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância, pela Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Ms. Gracileide Alves da Silva

Campina Grande - PB
Novembro/2016

JUNIA BARBOSA LUZ DO RÊGO

**A ROTINA DA CRECHE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL
- Um estudo realizado na Creche Municipal Félix Araújo - Campina Grande -PB**

ORIENTADORA:

Prof^a Ms. Gracileide Alves da Silva

Prof^a Ms. Giovanna Barroca de Moura

1º EXAMINADOR (A)

Prof^a Ms. Miriam Espíndula

2º EXAMINADOR (A)

Aprovada em _____ de _____ de 2016.

Campina Grande - PB
Novembro/2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho acadêmico a minha filha Sophya, que, a cada dia, lança um novo desafio a mim, enquanto mãe e educadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pela sabedoria

A minha família pelo estímulo ao estudo

A equipe da creche que ajudou na produção deste trabalho

E a minha orientadora que com zelo e presteza realizou junto a mim a orientação deste TCC.

A infância passou a ser um momento, uma etapa cronológica, uma condição de possibilidade da existência humana. [...] Quando a infância é amiga da experiência, longe de ser uma fase a ser superada, ela se torna uma situação a ser estabelecida, atendida, alimentada, sem importar a idade da experiência. (KOHAN, 2003, p. 244)

RESUMO

Esta monografia foi escrita a partir das inquietações sobre o trabalho realizado com crianças que estudam na Educação Infantil da Creche Municipal Félix Araújo, na cidade de Campina Grande –PB e da inquietação da autora nas visitas realizadas durante o estágio supervisionado, que suscitou o desejo de aprofundar estudos sobre a rotina de trabalho pedagógico desenvolvido pelas educadoras para as crianças, o que excitou um questionamento sobre a ação educativa desenvolvida na instituição de ensino em estudo. Com este trabalho objetivou-se estudar a rotina da creche como estratégia pedagógica reguladora e formadora da identidade infantil e analisar como a relação de poder professor/criança e a rotina da creche interfere na construção da identidade do sujeito infantil. Para tanto problematizou-se os conceitos sobre a construção da identidade infantil, a concepção de infância ao longo da história, bem como suas peculiaridades. Além de um estudo bibliográfico foi realizado uma pesquisa de campo e para coleta de dados foi escolhido a aplicação de um questionário e a técnica da observação para legitimar a hipótese apontada no projeto de pesquisa que antecedeu este trabalho. Como resultado obteve-se que a prática pedagógica nas salas de aula de educação infantil nem sempre coloca a criança numa posição de protagonista enquanto sujeito social e sua presença na sociedade em algumas ocasiões ainda é despercebida frente as peculiaridades da faixa etária e nem sempre suas necessidades são atendidas e respeitadas para poder se desenvolver e se constituir enquanto sujeito. E sobre esses dados observados foi feito uma análise e reflexão sobre o papel da creche/escola na construção da identidade desse sujeito. Questionar a rotina e sua aplicabilidade possibilitou a ampliação dos conhecimentos sobre a disciplinarização do infantil e “as artes do fazer” utilizadas pelas educadoras para impor seus interesses, que nem sempre compactuam para uma construção favorável ao bom desenvolvimento da identidade infantil, comprometendo assim, a relação criança/criança, adulto/criança e criança/meio.

Palavras-chave: Infância, Rotina, Identidade.

ABSTRACT

This monograph was written from the concerns about the work done with children who study in early childhood education from Crèche Félix Aguilar, in the city of Campina Grande-PB and that this study came from a caring Retallack in visits during the supervised internship, which aroused the desire to deepen studies of the pedagogical work developed by educators for children, which excited a questioning about the educational activity developed in the educational institution. With this work aimed to study the routine of day care as a pedagogical strategy and identity forming children's regulatory and analyze how the power relationship teacher/child and the routine of day care interferes with the construction of the identity of the subject child. For both discussed the ideas on the construction of the children's identity, the conception of childhood throughout history, as well as their quirks. In addition to a bibliographical study was conducted a field survey and data collection was chosen the application of a questionnaire and observation technique to legitimize the hypothesis in which research project pointed out before this job. As a result it was obtained that the pedagogical practice in early childhood classrooms don't always put the child in a position of protagonist while social subject and its presence in society on occasion is still unnoticed front the peculiarities of the age group and their needs are not always met and respected in order to develop and become as subject. And on these observed data was made an analysis and reflection on the role of daycare/school in the construction of the identity of this subject. Question the routine and its applicability made possible the expansion of knowledge about the child and disciplining "the arts of making" used by educators to enforce their interests, which don't always agree to a construction favorable to the development of children's identity, thus jeopardizing the relationship child/child, adult/child and child/half.

Keywords: Childhood, Routine, Identity.

LISTA DE SIGLAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SAM - Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor

INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

FUNABEM - Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente

LBA – Legião Brasileira de Assistência

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SEDUC – Secretaria de Educação e Cultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gênero dos sujeitos pesquisados.....	30
Quadro 2: Faixa etária das professoras.....	30
Quadro 3: Tempo de atuação docente	31
Quadro 4: Como professor(a) você se sente contribuindo na formação de sujeitos que respeitem o outro e a si mesmos?.....	32
Quadro 5: Você constitui uma rotina de aula com sua turma? De que forma?	32
Quadro 6: Sendo a rotina usada como cartão de visitas nas instituições de educação infantil, elas podem ser apontadas como processo disciplinador?.....	33
Quadro 7: Na relação de poder adulto/criança é permitida a participação das crianças no processo de tomada de decisão? De que forma?.....	34
Quadro 8: Qual a relação das crianças ao lidarem com a rotina da creche?.....	35
Quadro 9: Existem atitudes de antidisciplina? Como ela aparece no dia a dia da creche?.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2- REDESCOBRINDO A INFÂNCIA: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA.....	15
3-GOVERNABILIDADE DOS CONCEITOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL.....	18
4 - METODOLOGIA	23
4.1- Caracterização Pesquisa.....	23
4.2 Os sujeitos da pesquisa	24
4. 3- Instrumento de coletas de dados.....	24
4.3.1- Roteiro de observação.....	25
4.4- Campo Empírico	25
5 -ANÁLISE DOS DADOS.....	27
5.1- Observação.....	27
5.2- Resultados a análise das questões objetivas.....	29
5.3 -Resultados a análise das questões subjetivas.....	30
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7- REFERÊNCIAS.....	39
8 -APÊNDICES.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico foi produzido para atender as exigências do Curso de Pedagogia EAD, da UFPB em 2016. Escolhemos estudar a construção da identidade infantil na relação de poder adulto/criança na rotina da Creche Municipal Félix Araújo. Apesar da amplitude, a Educação Infantil não apresenta uma tradição nos estudos e é recentemente criada em nosso país.

A ideia de estudar a identidade infantil está vinculada de alguma forma, ao fato de exercermos a função de educadora, nesta fase do ensino, na Prefeitura Municipal de Campina Grande. Assim, a reflexão sobre o trabalho desenvolvido nos espaços educativos com crianças de 0 a 5 anos teve início com a inquietação sobre o olhar das profissionais em relação à criança e o trabalho pedagógico desenvolvido por elas nas creches que excitam um questionamento sobre a ação educativa desenvolvida na instituição de ensino na qual lecionamos.

Este trabalho monográfico foi escrito a partir da construção de um projeto científico, dividido em tema, objetivos, problematização, justificativa, instrumento de coleta de dados, referencial teórico e referências bibliográficas, que foi solicitado como atividade da disciplina TCC, com correções realizadas pela orientadora da monografia.

Analizar como a relação de poder professor/criança e a rotina da creche interferem na construção da identidade do sujeito infantil foi possível a partir da reflexão realizada sobre a concepção de criança/infância ao longo da história verificando que não foi em todas as épocas existiram a noção do ser/estar criança. Com este estudo, também refletimos sobre os conceitos infância, identidade, governabilidade, ludicidade... e analisamos a rotina de uma creche na cidade de Campina Grande-PB observando a relação adulto/criança e criança/criança e como a rotina estabelecida contribui para a formação da identidade do sujeito infantil.

Vivenciando a prática pedagógica nas salas de aula de educação infantil podemos perceber que nem sempre a criança teve papel protagonista enquanto sujeito social, sua presença na sociedade passava despercebida frente as peculiaridades da faixa etária e das necessidades que seu corpo, mente e emoção necessitam para poder se desenvolver e se constituir enquanto sujeito. E nessa perspectiva pretendemos discutir, analisar e refletir sobre o papel da escola na construção da identidade desse sujeito.

O trabalho que antecedeu esta monografia onde envolveu leituras, pesquisa e

observação nos fez descobrir que, a educação Infantil e a infância estão ganhando espaço em nossa sociedade, pois as leis estão se adequando as necessidades desses sujeitos, a mídia explora espaços, brinquedos, roupas, marcas que se adequam a essa faixa etária, a infância está em foco e a creche é o espaço destinado ao seu desenvolvimento cognitivo, porém o trabalho da escola deve superar a prática de garantir apenas o desenvolvimento cognitivo. O espaço para discutir como se dá a formação das identidades desses sujeitos é agora, visto que a visão de educação está mudando em nosso país e essa fase do ensino vem ganhando importância, recursos vem sendo disponibilizados e poderemos contribuir para a regulamentação de uma creche mais prazerosa que valorize a criança de forma integral.

Durante o processo da pesquisa que resultou neste TCC houve um sentimento de divisão entre o ser a pesquisadora e também a professora de crianças, já que o papel da pesquisadora é o de suscitar ideias e o da professora é de tomar decisões e isso causou uma maior aproximação com o objeto da pesquisa.

Este TCC está dividido em seis capítulos, organizados seguindo a intenção de refletir a prática da rotina da Creche Félix Araújo. O primeiro trata-se deste capítulo introdutório, onde apresentamos de que forma está organizado este trabalho. O segundo capítulo, intitulado Redescobrindo a Infância: um passeio pela história: tratará da historicidade da criança partindo da Idade Antiga, na qual a criança era enaltecida na arte helenística, passando pela Idade Média, no momento em que a criança coexistia entre os adultos e eram chamadas de miniaturas, desembocando na idade moderna e contemporânea, onde a concepção de infância, ganha, a partir do século XVII, uma conotação diferenciada, aparecendo como sujeitos que existem independente das expectativas dos adultos.

O terceiro capítulo intitulado: A governabilidade dos conceitos na construção da identidade infantil, discute os conceitos identidade, representação, governabilidade e rotina refletindo a construção da identidade do sujeito infantil na relação com o outro e com as representações assumidas sócio/cultural, na qual a rotina da creche aparece como mecanismo norteador do trabalho pedagógico com crianças na primeira infância. Nessa perspectiva a ideia essencialista de infância é posta em xeque, emergindo a reflexão da construção da identidade na identificação e diferenciação com o outro.

O quarto capítulo abordaremos a metodologia utilizada para realização deste trabalho onde trouxemos a observação e análise da rotina da creche permitindo desenvolver uma reflexão a cerca do trabalho desenvolvido pelas professoras,

pontuando como esse trabalho interfere e oportuniza a construção da identidade do sujeito infantil. Assim, problematizaremos a metodologia utilizada e apontaremos a antidisciplina como elemento central da autonomia do sujeito infantil que busca burlar a ordem estabelecida a partir dos interesses dos adultos.

No quinto capítulo apresentaremos o resultado de uma pesquisa aplicado com as professoras da instituição escolhida e por fim, tecemos as considerações finais acerca deste trabalho onde apontamos a relevância deste trabalho monográfico como fonte bibliográfica para outros educadores que desejam estudar essa área.

Escolhemos como teóricos o Michel Foucault (2006), Michel de Certeau (1990), Barbosa (2006), Kramer (2003), Stuart Hall (2006) e os textos do RCNEI (1998). Diante dessas leituras nos debruçamos sobre a nossa hipótese de como a identidade do sujeito infantil é construída no espaço da creche.

Durante o processo ficou perceptível que o sujeito infantil e a infância poderão se tornar objetos de vários estudos na modernidade, e assim, colaborar como mais uma fonte de estudos para os interessados nessa temática.

2- REDESCOBRINDO A INFÂNCIA: um passeio pela história

A história da educação infantil está relacionada pela concepção de criança que, historicamente, ao longo do tempo vem mudando, apresentando-se com características peculiares em cada sociedade. Várias concepções a cerca da infância perpassaram o cotidiano social de diferentes formas de em diferentes épocas. Logo, discutiremos o infantil, como construção de vários momentos históricos e não como uma natureza infantil, pois nem sempre existiu o sentimento de infância, ou melhor, esse sentimento foi empregado de maneira ímpar em cada momento histórico.

Os estudos nessa área nos mostra que, a ideia de infância ganhou importância nos séculos XVI e XVII, como afirma Ariès (1981), e aqui não pretendemos fazer arqueologia do infantil, porém analisaremos o papel que a criança desempenha no contexto antigo, medieval e moderno. Assim, como fez Foucault (1993), pretendemos desnaturalizar a forma como se narra a “origem” da infância que foi construída num processo histórico ao longo do tempo.

Durante a Idade Antiga, a representação realista de criança e a ideologia de infância, com sua graça e peculiaridade, fez-se presente no mundo grego helenístico, embora tenha sido recusado entre as sociedades romana e medieval. Na sociedade medieval, não havia espaço para o infantil, estas ficavam inseridas no mundo dos adultos: nos passeios, jogos, trabalho. Segundo Heywood (2004), há estudos que comprovam que o papel infantil era o mesmo do adulto quando realizavam trabalho no campo, a exemplo do século XIV. Logo:

A contribuição das crianças também era, em parte, sazonal, atingindo um pico com intensas rotinas de trabalho no períodos da colheita. As mais jovens levavam comida para os trabalhadores nos campos, enquanto as mais velhas iam fazendo feixes de milho atrás dos colheiteiros ou conduziam cavalos que puxavam as carroças. (HEYWWOD, 2004, p. 164)

Diante disso, nos questionamos: será que havia espaço/tempo para o sujeito infantil realizar atividades próprias da infância que admitimos hoje? Na perspectiva defendida por Ariès (1981) sobre a infância na Idade Média é de que não haviam crianças naquele mundo, e sim adultos em miniatura, pois a consciência de infância era tão distante ao ponto de não poder percebê-la.

Assim, não seria erro afirmar que no século XVII, no início da Idade Moderna, surgiu uma plausível concepção de infância, defensora da criança como pessoa com jeito de pensar, sentir e ver característicos. Um dos marcos desse momento foi o surgimento do capitalismo e as necessidades do mundo do trabalho na fábrica e na cidade. Essa nova concepção deu origem a uma preocupação com a instrução que esses seres deveriam receber enquanto os pais trabalhavam.

Confirmado a infância como uma etapa da vida humana e do resultado das expectativas dos adultos, Corazza (2002), enfatiza que a construção do sujeito infantil, como percebemos hoje, deu-se na modernidade, período da invenção do indivíduo, momento em que surgiu a preocupação com o que fazer com os pequenos enquanto os pais/mães estivessem no mundo do trabalho.

Foram muitas pesquisas e discussões até que se criasse o Jardim de Infância, Creches, Pré-escolas, e Escolas por idade com um anseio frente ao futuro desse sujeito. A partir daí começou-se perceber às crianças sentimentos, espaços, comportamentos, brinquedos, utensílios, enfim uma infinidade de itens próprios de um sujeito com identidade em construção.

Por esta bandeira, ficava assegurada, a igualdade de direitos, o estatuto de cidadãs e cidadãos livres, a identidade com outros e o poder de firmar contratos, não mais como súditos, mas como iguais entre si – desde que as pequenas ficassem grandes, inté, “virassem gente”, como se diz. (CORAZZA, 2002, p. 76)

Assim como na modernidade, a problemática da concepção de infância persiste, pois as condições de vida desse sujeito re-significam a discussão sobre o espaço social da infância, visto que, no Brasil, não muito diferente da Europa Medieval estes pequeninos enfrentaram a mortalidade, a violência e o descaso.

Mesmo já sendo preocupação da família o cuidado com a criança na modernidade, na república brasileira o trabalho infantil acentuou-se como meio de aumentar a renda familiar o que se perpetua pelos dias atuais em algumas situações pelo Brasil a fora.

Consta na história da criança brasileira órgãos responsáveis pelo seu amparo, a exemplo da Casa dos Expostos (até 1874), os jardins de infância particulares. Meneses Vieira (1875), assim como institutos e fundações como SAM, INAN, FUNABEM, LBA, UNICEF. De caráter assistencialista, inicialmente as creches atendiam as crianças de baixa renda visando o cuidar, porém essa teoria vem passando por

mudanças e o espaço da creche e da pré-escola tomou roupagem de lugar de atendimento integral da criança, que necessita de cuidados e desenvolvimento de habilidades por meio de intervenção pedagógica.

O trabalho pedagógico desenvolvido na pré-escola deveria, pois partir daquilo que a criança conhece e domina, não do que ela não é [...] possibilitando sua compreensão do e da realidade em que vive, da sociedade e da própria inserção na classe social que pertence. (KRAMER, 2003, p. 45).

Felizmente, no Brasil, avançamos nos aspectos de luta pelo fazer pedagógico nas instituições de educação infantil. Esta foi favorecida pela Constituição de 1988, pela LDB de 1996, onde a educação passa a ser dever do Estado e da família, o RCNEI foi lançado para dar diretrizes ao trabalho a ser desenvolvido pelos profissionais dessas instituições.

Por fim vemos que a história da infância superou barreiras e sobrepôs obstáculos e mesmo tendo marcas fortes de desprestígio, desamparo e violência, com o passar do tempo a infância ganha nova roupagem, novos espaços e a garantia da promoção da qualidade do atendimento do sujeito infantil no espaço a elas destinado.

Na prática, a ação pedagógica depende do empenho e do papel da família e do Estado, e essa ação deverá caracterizar-se não pela ação diretiva do educador, mas na figura do mesmo como parceiro do processo de aprendizagem, onde a ampliação do horizonte infantil se dê em um espaço que permita a criança ser agente na construção de sua identidade.

3- A GOVERNABILIDADE DOS CONCEITOS na construção da identidade infantil

As crianças estão presentes onde quer que se vá. Estão nas ruas, escolas, praças, lojas, supermercados, igrejas e onde mais se queira encontrá-las. Existem crianças que trabalham, outras que estudam, que são amadas e infelizmente até as que são maltratadas; crianças de classe alta, média, pobre, também. Suas etnias são as mais diversas: temos rostos mulatos, caboclos, brancos, cafusos, negros, indígenas; na televisão, nas propagandas de jornais e revistas escritos, assim como nas páginas policiais. Não é a toa que elas têm um dia especial: o “Dia da Criança” e que se vende produtos dedicados a elas em lojas específicas com itens bem elaborados. O comércio de utensílios e brinquedos infantis alcança um número exorbitante em todo o mundo. Há leis que protegem seus direitos e definem seus deveres e nessa perspectiva atribuem ao Estado, as escolas e as famílias os papéis que devem seguir.

No mundo atual essas figuras humanas construídas historicamente passam no discurso pedagógico de “dócil” a “ditadora”. Ora assumem posturas de delicadeza e imaturidade, ora impõem seu desejo querendo ser ouvidas e ter atenção. Porém, nem sempre foi assim, visto que no debate acadêmico a infância e a criança passam por grandes transformações ao longo da história. Foram em cada período histórico e em cada civilização, apontadas de formas distintas, as mais variadas possíveis. Chegaram a ser ignoradas, a ser vistas como adulto em miniatura, mas logo ocuparam um espaço cada vez maior nas inquietações dos românticos e renascentistas, assumindo papel ímpar na sociedade como já focado no capítulo anterior.

Pensar em tais seres, assim como na valoração que lhe é atribuída, vem sendo uma preocupação de pedagogos, filósofos e historiadores que especializam-se no debate sobre a infância. A onipresença de infantil nos obriga a levantar questionamentos e hipóteses de sua existência. Percebemos que para perceber e suscitar outras indagações é preciso fazer uma discussão sobre os conceitos que permeiam a construção da identidade infantil.

Para começar, resgatar a história do infantil significa, primordialmente dar voz aos documentos e suas marcas. Portanto, podemos fazê-lo historicizando e discutindo, a princípio, o que é a infância e suas particularidades. Em todo caso, como seria possível apreender infância sem explorar os conceitos de identidade e representação, se sabemos que a criança assume um papel como indivíduo nas práticas e representações sociais.

Todavia, trataremos neste capítulo da elaboração de uma breve explanação com estudos a partir de pedagogos, psicólogos e historiadores a fim de tentarmos teorizar a infância e suas particularidades

A definição do termo está longe de limitar a criança em posição ao adulto. Entretanto, sua estruturação perpassa interesses estruturais, sociais, políticos econômicos e sociais. Logo, vista como um sujeito de características próprias, a criança é detentora de identidade. Contestando a hipótese de classe homogênea, atribuída ao sujeito infantil, concentraremos nossa discussão na análise da fabricação/construção da identidade infantil.

No início da Idade Moderna coexistia uma ideia essencialista do sujeito. A identidade era entendida como um sujeito cristalino e autêntico onde o humano tomava consciência de si e assumia posturas, como “eu sou”, onde a infância não tinha espaço.

As explicações atribuídas a vida, morte, doenças entre outros acontecimentos, eram explicados pela razão escolástica, já que a religiosidade, os mitos e os preceitos da igreja católica dominavam a mentalidade. Rompendo com a ideologia essencialista de identidade, ascende naquele momento teorias da identidade da consciência, que passam a defender o homem como o centro do mundo, dotado de razão e conhecimentos. Com o Renascimento, o século XVII, a infância foi redescoberta, o infantil passou a ser visto como elemento social que merece compreensão, atenção, instrução e auxílio nas atividades que não consegue desenvolver sozinha. A identidade passou a ser entendida como construção, marcada por símbolos e ser vista como relacional. A partir daquele momento, o indivíduo foi inventado e o infantil ganhou espaço. A valoração da criança passou a ser um foco social.

Afastando-se do pensamento moderno, Hall (2000), passou a questionar o sujeito iluminista, dotado de razão e mostrou que este é uma construção social, formada na relação e nas representações, sem identidade fixa. Contudo, se o sujeito constrói sua identidade, o infantil, enquanto sujeito, também o faz:

Assim a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo através de processos inconsciente, e não como algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantástico sobre sua unidade. Ela permanece incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2000, p. 38).

Na perspectiva não essencialista pós-moderna, identidade é entendida como a construção, pode ser representada por meio da linguagem e dos símbolos culturais. Além de relacionar, a identidade é construída, nos conflitos de mudanças sociais, políticas e econômicas. Concordamos com a desnaturalização da identidade, pois esta não é natural e sim cultural. Logo:

As identidade são fabricadas por meio da diferença. Essa marcação da diferença tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio formas exclusão social. A identidade, pois, não é oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (SILVA, 2000, p. 39-40)

Concordamos com Silva, quando faz referência a importância da diferença para a construção da identidade, por entendermos, que na relação entre o “eu” e o “outro” é marcada por relações culturais. Acrescentamos ainda a importância da alteridade nesse processo de construção de si. Dessa forma, as diferenças dão sentido ao mundo social.

Não seria diferente com o sujeito infantil, que na relação com outras crianças e com os adultos vá assimilando e recriando modelos culturais. Diferenciando-se do “outro” ou compartilhando com ele suas ideias, construindo-se como sujeito. A criança e o adulto assumem condutas e papéis sociais por influência dos símbolos que a rodeiam.

Nessa perspectiva entra em cena “o governo do corpo” e dos indivíduos no espaço educativo, onde o educador faz uso das condições necessárias ao exercício do poder enquanto professor e a criança usa do mesmo poder para impor-se enquanto sujeito do processo educativo. Assim a governabilidade estabelece-se no dialeto entre adulto/criança.

Tornarmo-nos o que somos é um produto, assim como identificarmo-nos como sujeitos em busca de idealização de modelo de vida. Dessa forma, o elemento central para a constituição do sujeito é a leitura que o mesmo faz do mundo que o rodeia, assimilando e excluindo componentes culturais que nortearão suas representações. Como organismos dessa mesma sociedade as crianças, também participam de universos sociais e constroem sua identidade na interação com outras pessoas, em geral, os adultos. Na relação de poder adulto/criança faz necessário o respeito às particularidades para não haver generalizações quanto a formação de sua autonomia, autoestima e personalidade. Elementos básicos para a constituição dos sujeitos. Nesse contexto:

A identidade é um conceito do qual faz parte a distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguindo de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele, em seguida, muitas vezes utilizando-se de oposição. (BRASIL, 1998, p. 13)

As crianças têm atributos de sujeitos independente do treino social e entende-se como tal identificando-se com o outro na relação com sua mãe e com o seu pais na fase edipiana, quando entende-se como ser sexuado. No seu processo de formação entra em jogo o esforço para entender-se como sujeito por meio do processo de identificação e diferenciação do outro, vivenciando experiências e construindo conhecimento. Então que seria esse sujeito e como se constitui essa fase da vida chamada infância? Esse sujeito vai-se apropriando de modos e comportamentos culturalmente normalizados?

. Com os efeitos das leis, das mudanças da sociedade capitalista frente a visão do sujeito infantil, a mídia e da globalização classificam o que é importante e descartam o que não lhe desperta interesse, assim, inserida no circuito da cultura, a criança assume posturas diante do outro e analisa-o na relação do “eu” com o “outro”:

A representação inclui as práticas de significação e só sistemas de símbolos por meio dos quais os significados são produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência aquilo que somos. (SILVA, 2000, p. 17).

Na instituição de educação infantil a governabilidade se dá por meio da rotina, categoria pedagógica que é usada como cartão de visitas, não é teorizada, porém, incute regras normaliza, moraliza, cria hábitos e ações para que a criança internalize normas e papéis. A rotina é vista como elemento fundamental do cotidiano escolar que regula a infância. Pode a rotina ser naturalizada e defendida como processo de construção da infância?

Tem sido atribuída grande importância para a rotina, já que a mesma viabiliza o trabalho com as crianças e dá provisões do que irá acontecer no espaço escolar. Assim:

A questão do cotidiano e das rotinas que regram e normalizam a vida cotidiana em sua integridade nas instituições de creche e pré-escola, pode ser vista como elemento central nas pedagógicas da educação infantil e, por isso, acredito que esse tema deve ser pesquisado e refletido. (BARBOSA, 2006, p. 39).

Reforçando os discursos de Barbosa, autores como Prestazzi, Froebel, Dewey e Montessori entre outros dedicam-se no século XIX a estabelecer o papel do educador da criança e da escola tendo como elemento central a rotina. Diante desse discurso que “amarram” a rotina ao trabalho pedagógica da instituição do ensino infantil, pretendemos desnaturalizar a rotina e verificar o entrave do seu uso nas construções da identidade infantil, bem como as formas de antidisciplina usadas pela criança para esta construção na contemporaneidade, buscando no educar pela pedagogia da diferença, onde o conhecimento deve ser tratado como meio para explorar experiências a serem vividas pelo sujeito infantil, permitindo as relações entre os sujeitos dentro e fora da instituição que contribuam para a formação desse sujeito.

A rotina, categoria importante do processo educativo, segundo Barbosa(2006), interfere na construção da identidade do sujeito infantil por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos nesse processo, na organização dos espaços, do tempo e de horários.

Não temos a pretensão de crer ter esgotado a discussão dos conceitos que deram origem a essa pesquisa, por enquanto, asseguramos a análise da construção da identidade do sujeito infantil enquanto indivíduo histórico, estabelecida na relação entre o eu/outro, numa relação de poder onde as práticas pedagógicas e as representações atribuem papel social.

4 - METODOLOGIA

Para escrever esse trabalho monográfico foram selecionados os conceitos rotina, identidade e governabilidade, a partir da análise de textos e para isso optamos pela leitura de textos produzidos como o do autor Gil (1991), que em seus estudos aborda os tipos de projetos e de pesquisas que podemos realizar, enfatizando as etapas de tal processo e nos ajudando a elaborar um trabalho minucioso

Nosso estudo aborda a observação a aplicação de um questionário como instrumento para coleta de dados com os educadores da instituição escolhida para análise. A ser realizado na Creche Municipal Félix Araújo, e como sujeitos dessa pesquisa os professores responsáveis pela educação das mesmas na primeira infância.

4.1- Caracterização da Pesquisa

Considerando os fatos abordados e analisados no objeto em estudo, sentimos a necessidade de buscarmos dados e informações através de uma pesquisa de campo. De acordo com Lakatos (1991):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS, 1991, p. 186).

Escolhemos esse modelo de pesquisa, pelo fato de precisarmos levantar dados sobre: como é vista a rotina na relação de poder entre os educadores da Creche Municipal Félix Araújo? Como agem as educadoras frente ao sujeito infantil? Que estratégias são usadas para a construção da identidade do sujeito? A antidisciplina faz parte desse contexto?

Assim, decidirmos caminhar para o campo empírico e tivemos como base na nossa pesquisa a abordagem qualitativa, pois segundo Minayo (apud Figueiredo, 2009). Essa abordagem corresponde a assuntos exatos e fixos, impressionando fatos e acontecimentos da realidade que não podem ser quantificáveis. Segundo esse raciocínio, Filho (2001), afirma:

A pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais e está mais preocupada com a compreensão ou interpretação do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em suas vidas. Seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno. (FILHO, 2001, p. 43)

É importante ressaltar, que o pouco tempo que tivemos para realização desse trabalho, colaborou para a construção dessa pesquisa, a partir das observações e coleta de dados em campo. Tivemos apenas dois semestres para elaboração de um Projeto de Pesquisa, ida a campo, análise dos dados e construção desse Trabalho de Conclusão de Curso.

4.2- Os sujeitos da pesquisa

Na instituição pesquisada há 13 professoras, todas receberam o questionário, porém, apenas 9 delas responderam. A participação dessas professoras foi essencial para a elaboração da análise dos dados colhidos quanto as questões elaboradas a cerca da hipótese levantada sobre a temática na qual nos debruçamos para pesquisar. As pesquisadas debruçaram-se sobre as questões, escreveram suas opiniões e colaboraram sobretudo para reflexão de suas próprias práticas, demonstrando assim, interesse sobre a temática.

4. 3- Instrumento de coletas de dados

Como instrumento para coleta de dados foi escolhido o uso de uma questionário contendo 09 (nove) perguntas, sendo 03 (três) fechadas e 06 (seis) abertas para obtenção dos dados que queríamos obter com as professoras pesquisados. Antecedeu a este trabalho a técnica da observação dentro da instituição escolhida, conversando informalmente com as crianças e os profissionais. E ao final do primeiro dia da observação, foi entregue as professoras o questionário (ver apêndice). Este servirá de fonte de pesquisa e análise sobre os questionamentos do papel da creche/rotina na construção do sujeito infantil.

4.3.1- Roteiro de observação

A observação se deu em 04 (quatro) turmas e começava desde a chegada das crianças a escola até o fim da aula de dia. No primeiro dia observou-se a rotina da instituição e conversou-se com todos os professores que se dispuserem e tiveram tempo, e do segundo ao quinto dia foi escolhido uma turma específica para cada dia para observar a rotina daquela turma tendo como foco responder os questionamentos sobre a formação da identidade do sujeito infantil a partir da relação de poder adulto/criança/criança dentro da rotina da creche e a influência ou não dessa rotina para tal construção.

4.4 - Campo Empírico

A Creche Municipal Félix Araújo, situada a Avenida Portugal, s/n, no bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande/PB dispõe de um quadro funcional contendo: uma gestora escolar, duas secretárias, treze professoras, quatro porteiros, três merendeiras, sete auxiliares de serviços gerais distribuídas nos dois turnos. Há também uma técnica da Secretaria de Educação - SEDUC que dá apoio pedagógico. As crianças atendidas são no número de 95, distribuídas em quatro salas de aula, sendo duas de maternal 1 e duas de maternal 2, com idade média de 2 e 3 anos.

O espaço físico é amplo e já na entrada da instituição tem uma guarita com banheiro, um pátio coberto, um parque com escorregador e balanço, uma área de areia e uma área calçada com árvores e uma varanda coberta e fechada com grade. No espaço externo, na parte de trás da instituição há um varal coberto, um local para banho coletivo e um pátio aberto. O espaço interno é composto por secretaria, dois dormitórios, um refeitório, uma cozinha, duas dispensas, um almoxarifado, cinco salas de aula, estando uma desativada, uma sala de vídeo, área de serviço com banheiro para adultos, banheiro social e banheiro infantil.

A rotina fixa, estabelecida pela SEDUC, órgão responsável pela gestão da educação na cidade de Campina Grande/PB, é composta pelos horários de entrada e saída das crianças na instituição, bem como é estabelecido pelas nutricionistas o horário das refeições, calendário com 200 dias letivos. Já os horários de higiene, sono, lazer são estabelecidos pelo regimento interno. Porém, além dessa rotina que abrange a rotina da instituição, há as estabelecidas em sala de aula organizadas pelas professoras com horários pré-estabelecidos fazendo uso da governabilidade, palavra que estabelece, nesse contexto, a superioridade do adulto em relação a criança. Nessa perspectiva:

A governabilidade está dirigida a assegurar a correta distribuição das “coisas”, arranjadas de forma a levar a um fim conveniente para cada uma das coisas que devem ser governadas [...] na nova forma de Estado, o governo não se aplica ao território por si, mas em vez disso, à complexa unidade dos homens em todas as relações e em seus vínculos com a propriedade e a cultura em seus amplos sentidos [...] (SILVA, 2000, p. 29)

Governar as crianças têm sido o papel das instituições de educação infantil e na instituição em questão perpassa as três correntes teóricas behaviorista, construtivista, sócio interacionista, com o predomínio do sócio-interacionismo, visando a construção de uma identidade infantil na relação adulto/criança/meio que se dá por meio do uso da rotina como meio de gerir conforto e segurança ao sujeito infantil.

A interpretação e análise dos dados foram feitas através dos dados coletados no questionário e das observações com as abordagens teóricas pesquisadas, que abordam nosso estudo. Nesse sentido, Medeiros e Oliveira (2011, p. 665) afirmam que:

Independentemente da abordagem da pesquisa, [...] não existe análise ou interpretação sem confrontação entre a empiria (informações colhidas sobre o fenômeno de estudo no campo empírico) e a teoria (construto teórico evidenciado para subsidiar o entendimento sobre o fenômeno).

Com essa discussão, os autores nos fazem compreender que o processo de construção do conhecimento científico precisa ter relação entre os dados colhidos no campo empírico e as teorias. Unindo a teoria com a prática em torno do estudo da temática, de modo a legitimar as análises, interpretações e argumentações acerca do objeto em estudo, como também uma compreensão mais clara e concreta sobre o fenômeno estudado. Assim prosseguiremos com o próximo capítulo onde apresentará os dados analisado após pesquisa de campo.

5 - ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo abordaremos uma breve análise acerca da temática em estudo, que vai desde ao perfil profissional até as questões referente a atuação pedagógica docente com relação a rotina e sua contribuição para inclusão escolar e consequentemente social.

Como em nossa pesquisa utilizamos dois instrumentos para coleta de dados como: a observação e o questionário analisaremos a seguir um e depois o outro, separadamente.

5.1 – Observação

A observação e análise da rotina da creche viabilizou um debate com Foucault no que se refere a disciplina e com Certeau quando se discute antidisciplina. Focamos durante a observação, nas ações de disciplinarização do corpo e as artes do fazer infantil que burla a ordem estabelecida. Na maioria das ações de higienização e deslocamentos das crianças dentro da instituição passam pelas estratégias de manter ordem, isso é percebido no enfoque dado as filas, trenzinhos, formação de duplas para andar e rodas.

Os passos da rotina estabelecida começam na chegada das crianças que logo pela manhã, entre sete e sete e quinze horas, estas são trazidas pelas famílias e deixadas nas salas de aula com as professoras. Quando todos já estão nas suas salas há um momento para troca da roupa, depois em fila vão para o refeitório tomar café. Depois mais fila para voltar até a sala, e aplicação de atividades. Na hora do almoço, fila novamente para o refeitório e ir para o dormitório, fila, fila, fila... ao acordar mais fila para ir ao banheiro e lanchar, depois sala de aula, aplicação de atividades, banheiro, troca de roupa, fila, jantar, fila, ufa! Hora da saída. Partindo dessa observação, concordamos com Foucault (1993) quando afirma:

A disciplina, arte de dispor em fila, é técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. (FOUCAUT, 1993, p.133).

Na visão do autor a disciplina é uma forma de regular o corpo e isso parece possível na rotina da creche. Atividades como higienização, ações pedagógicas, ações lúdicas dirigidas e livres. Assim, tratar a creche como espaço de construção da identidade do sujeito infantil é percebê-la em sua importância. O sujeito infantil vai-se formando na

relação com o outro, compartilhando experiências e diferenciando-se ou aproximando-se das culturas apresentadas. Precisamos, enquanto educadores, ter cuidado no estabelecimento dessas rotinas para que as mesmas não rotulem moldem as crianças a serem apenas servidoras do Estado. Outrossim, a rotina pode passar pelo processo de releitura das ações e da sua aplicabilidade para que sua contribuição frente a formação/construção da identidade desse sujeito, que passa quase dez horas de seu dia no espaço escolar, visando orientá-lo para a vida social sem aliená-lo.

Durante o processo de visita e observação da instituição passamos cerca de cinco dias, entre observações, conversas informais, anotações e coleta do questionário aplicado as professoras, depois disso foi dedicado um tempo para a leitura, análise das respostas e escrita deste trabalho.

Na rotina, fica estabelecida a hora do banho, onde as crianças são divididas pelo sexo e levadas ao banheiro para que sejam orientadas quanto a higiene pessoal. Esse processo se dá nos turnos manhã e tarde e apenas uma das turmas passa pelo processo de higienização dos corpos antes de trocarem de roupa para irem para suas residências. Percebemos com isso que, se não está na rotina a ação não é realizada por todas as professoras, só por algumas que se dispõem a fazê-lo. E indagamos também o porquê de apenas uma turma ser escolhida para a higienização mais completa. Que critérios são estabelecidos para esta escolha?

Já a alimentação se dá em quatro vezes, o café é oferecido às 8:00h para todas as crianças no refeitório, o almoço às 10:40h já que às 11:00h as crianças têm que está no dormitório e acontece a troca dos educadores de sala de aulas pelos que colocam as crianças para dormir, estas ficam com elas das 11:00 às 13:00h, quando chegam as professoras da tarde e assumem suas funções, por volta das 13:30h. As crianças saem do dormitório e vão para o sanitário, as que fizeram xixi, geralmente são banhadas e todas vão para o refeitório para o lanche que é servido às 14:00h e às 16:15h é servido o jantar, e logo depois desse momento as crianças ficam à espera das famílias. Assim, podemos afirmar, segundo Rocha (2011),

Para orientar toda e qualquer ação educacional pedagógica com as crianças não basta conhecermos (padronizadas e uniformizadas) ou estudar modelos e métodos para ensiná-las. Isso exige, [...] um compromisso com a função socioeducativa na direção de uma pedagogia da infância, que inclui a responsabilidade como processo de apropriação dos sistemas simbólicos de referência, considerando, sobretudo, as crianças como um ponto de partida, inseridas, [...] num

processo extremamente vinculado às demais dimensões e relações sociais [...] (ROCHA, 2011, p.380)

Contudo, as rotinas acima colocadas entram nesse jogo das dimensões e relações estabelecidas dentro do espaço da creche, focando na apropriação das regras, da disciplina, do convívio em grupo e relações de poder do adulto/criança.

5.2 Resultados a análise das questões objetivas

Quadro 01

Gênero dos sujeitos pesquisados

RESPOSTA	QUANT.
Masculino	--
Feminino	09
Total	09

De acordo com que pesquisamos, percebemos que preponderantemente o grupo é do gênero feminino. Ao longo da história e na cidade de Campina Grande não é diferente, a mulher sempre foi maioria na educação escolar. Isso é resultado do pensamento atribuído à mulher ao longo dos tempos, onde a sua tarefa é cuidar e educar as crianças, função específica da Educação Infantil. Por isso é justificável um número de apenas professoras mulheres trabalhando nesse nível de ensino.

Quadro 02

Faixa etária das professoras

RESPOSTA	QUANT.
20 a 25 anos	0
26 a 30 anos	1
31 a 35 anos	0
36 a 40 anos	1
Mais de 40 anos	7
Total	9

O quadro 2 nos mostra que nesta instituição apenas 1 das educadoras tem menos de trinta anos de idade, que das pesquisadas 8 estão com mais de 35 anos de idade. Isso remete a pensarmos que a experiência que adquiriram com a idade e com o estudo por

elas realizados ao longo dos anos em sala de aula pode permitir um processo educativo com modelos e métodos de ensino que garantam o aprendizado das crianças de forma integral.

Quadro 03
Tempo de atuação docente

RESPOSTA	QUANT.
Até 05 anos	0
De 05 a 10 anos	2
De 10 a 15 anos	1
Mais de 15 anos	6
Total	9

Através do quadro observamos que as 9 pesquisadas possuem mais de 5 anos de experiência. A profissionalização e a capacitação são fundamentais, porque promove a reflexão a respeito da prática docente dentro dos aspectos teóricos e metodológicos no saber-fazer pedagógico. Neste sentido, é preciso que o docente tenha uma formação inicial e continuada na perspectiva de unir a teoria com a prática.

Segundo Hypolito (1999 apud VEIGA, 2006), a profissionalização não se resume à formação profissional, pois envolve alternativas que garantam melhores condições de trabalho e de atuação e respeitem as práticas pedagógicas construídas ao longo da experiência profissional.

A fala de Hypolito nos faz refletir sobre o tempo de formação das professoras, pois a experiência conta muito, e na maioria das vezes o professor tem diversos cursos, mas não realiza um trabalho com qualidade.

5.3 Resultados a análise das questões subjetivas

A partir do quadro 04 trabalharemos com as respostas abertas dadas pelas professoras da instituição escolhida para a pesquisa. Os resultados dos questionamentos estão dispostos com a nomenclatura P1 para a professora 01, P2 para a professora 02 e assim sucessivamente e as respostas foram transcritas conforme as perguntas realizadas.

Quadro 04

Docentes	Como professor(a) você se sente contribuindo na formação de sujeitos que respeitem o outro e a si mesmos?
P1	Ensinando os direitos e deveres para que no futuro tenham oportunidades de escolha
P2	Explorando a construção de valores, que vão além dos muros da creche
P3	Por meio da interdisciplinaridade.
P4	De forma lúdica enfocando a afetividade para as crianças resolverem seus conflitos.
P5	Sou um agente multiplicador de valores, oriento as crianças a respeitarem mais velhos os colegas, realizando intervenções nos momentos de conflitos.
P6	Interagindo com a criança para que se torne um sujeito crítico e reflexivo.
P7	O respeito é trabalhando como indispensável na prática diária da creche, valores morais e éticos são ensinados.
P8	Através de atividades que exploram o respeito e a solidariedade.
P9	A partir das vivências que explorem valores, por meio das brincadeiras e atividades.

Lendo as respostas acima, percebemos que a formação do sujeito é tratada pelas educadoras como um processo de vivências, que exploram nas atividades pedagógicas e lúdicas os valores, a ética, a afetividade, que na interação adulto/criança criança/criança, vão se construindo conceitos e assimilando a vida em comunidade. Que segundo a P1, esse processo se dá por meio também da interdisciplinaridade e segundo a P5 é importante a intervenção dos professores na resolução dos conflitos para que o sujeito tome postura reflexivo e crítica como afirma a P6.

Quadro 05

Docentes	Você constitui uma rotina de aula com sua turma? De que forma?
P1	Organizado momentos como a roda de conversa, leitura, atividades dirigidas entre outras
P2	Nessa faixa etária as crianças precisam compreender que há horário para tudo.
P3	Na organização do espaço, no desenvolvimento do processo educativo, entre outros.
P4	Hora da entrada, acolhida, café, atividades pedagógicas, recreação livre, hora do banho, atividades livre, almoço.
P5	A rotina norteia o trabalho, facilitando em saber qual ação será posteriormente realizada.
P6	Procuro organizar todo o espaço antes das atividades por meio do planejamento.

P7	Oportunizando momentos de descobertas, conhecimentos, brincadeiras...
P8	Facilita as atividades que serão desenvolvidas.
P9	A rotina além de fornecer a sequência de atividades diárias, possibilita a organização antecipada do ambiente.

Ao focar a questão do educar, nos deparamos com as rotinas estabelecidas nas instituições de educação infantil que tem como papel fundamental organizar o tempo e o espaço. A rotina refere-se aos caminhos já percorridos e conhecidos pelo sujeito, que em geral, automaticamente, obedece horários, hábitos e procedimentos. Podendo ser considerada neste sentido mecânica. Nas instituições de educação infantil a rotina é percebida como estruturante, tida como âncora do dia a dia das crianças, capaz de dar segurança por ser uma estratégia de formação do sujeito. Logo:

Rotina é uma categoria pedagógica que eu responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego de tempo, sequência de ações. Trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, jornada, etc. (BARBOSA, 2006, p.35)

Concordando com o que diz Barbosa (2006), podemos perceber na pesquisa, que a rotina aparece como aspecto importante na construção da identidade da criança, visto que a P2 defende que a criança precisa aprender que existe horário para tudo, a P5 afirma que a rotina norteia o trabalho com as crianças e como enfoca a P9 a rotina dá uma sequência de trabalhos diários com uma organização do ambiente de forma antecipada. Diante dessas defesas nos questionamos, seria mesmo essencial a rotina no espaço da creche? Ou um convivência harmônica, construída diariamente teria maior participação dos anseios das crianças favorecendo um dia de trabalho mais prazeroso e que respeitasse os interesses de cada um?

Quadro 06

Docentes	Sendo a rotina usada como cartão de visitas nas instituições de educação infantil, elas podem ser apontadas como processo disciplinador?
P1	A rotina dá a criança a noção de limites, horários, etc.
P2	Com o tempo a criança vai internalizando a rotina e passa a cobrar quando as coisas não acontecem como o esperado.
P3	A rotina rege a criança dentro da instituição com a governabilidade dos singular sujeitos.
P4	Através da rotina as crianças desenvolvem suas limitações e assimilam as

	regras da creche.
P5	Por meio da rotina as crianças percebem que temos hora para tudo.
P6	As crianças precisam de regras para uma boa convivência.
P7	É através da rotina que as crianças adquirem conceitos como o comportamento adequado diante de instituições, regras, disciplina para toda vida
P8	Orienta todas as ações que serão executadas no dia, contribuindo para a construção da identidade do sujeito.
P9	As crianças absorvem valores que necessitam para viver em sociedade.

Ainda realizando a discussão sobre a rotina, a mesma aparece no discurso de todas as educadoras como necessária para a disciplinarização das crianças. Para a P1 e P5 a rotina é necessária para que se perceba durante a construção da identidade dos sujeitos que existe hora para tudo. As P4, P6 e P7, tratam a rotina como um elemento que define as regras a serem seguidas na rotina da creche e apenas a P9 elenca a rotina como elemento de atribuição de valores para a convivência em grupo. Se tratarmos a rotina como um elemento necessário para a convivência em grupo, acreditamos que deste ponto de vista ela é necessária.

Quadro 07

Docentes	Na relação de poder adulto/criança é permitida a participação das crianças no processo de tomada de decisão? De que forma?
P1	Acontece quando a criança escolhe as brincadeiras, as músicas...
P2	O professor é a autoridade em sala de aula, em alguns momentos dou opções sobre o educar para que escolham.
P3	As crianças opinam em vários processos.
P4	Através do lúdico as crianças exprimem suas opiniões e sentimentos, além de solucionar seus conflitos.
P5	A criança é um ser de direitos e participa opinando, demonstrando seus gostos e preferências.
P6	Opinam sobre as brincadeiras, brinquedos, alimentação quando possível.
P7	A criança como sujeito cidadão aparece como coadjuvante opinando em algumas atividades.
P8	Podem escolher a música que querem ouvir/cantar, a história a ser lida, a atividade que querem realizar.
P9	Oportunizo e estímulo a participação da criança sobre o que querem assistir, cantar, ouvir, ler, brincar.

Está presente nas respostas a essa pergunta que a participação da criança está na escolha de brincadeiras, músicas e histórias que querem ouvir. A P7 enfatiza que a

criança é coadjuvante no processo de construção da rotina e das propostas educativas, porém, defendemos que a criança é o ator principal da educação infantil, que é a ela que deve estar focada as vivências e as práticas educativas, sejam lúdicas, pedagogias, livres ou dirigidas.

As crianças são sujeitos com características próprias, com necessidades próprias, que vivem no mundo dos adultos e são educadas por eles, porém:

Não seria demais enfatizar, nesse âmbito, que conhecer as crianças nos permite aprender mais sobre as maneiras como a própria sociedade e estrutura social dão conformidade às infâncias; aprender sobre o que elas produzem e transformam; sobre os significados sociais que estão sendo socialmente aceitos e transmitidos e sobre o modo mais particularmente [...] atuam na produção cultural e na transformação dos sistemas simbólicos com base nas relações sociais. (ROCHA: 2011, p.381)

Outrossim, afirmar que o conhecimento sobre o sujeito infantil pode enriquecer o dia a dia da creche, onde esse sujeito passaria a ter mais voz e passaria também a ser percebido como o elemento principal do processo educativo dentro do espaço escolar que se destina a crianças de 0 a 5 anos de idade. A criança burla as regras impostas, mostram seus anseios e desejos, procuram formas de chamar atenção para o que lhes interessa e nesse jogo de poder adulto criança entra em cena a antidiplina enfocada na pergunta dos quadros 08 e 09 de nossa pesquisa.

Quadro 08

Docentes	Qual a relação das crianças ao lidarem com a rotina da creche?
P1	Umas aceitam, outras não, com o diálogo acabam aceitando
P2	Se apropriam da rotina rapidamente, mas a qualquer momento a mesma pode ser quebrada.
P3	Sempre seguem a rotina e reagem de forma gratificante.
P4	Após o período de adaptação as crianças vão compreendendo as etapas da rotina.
P5	Após a rotina ser entendida pelas crianças o processo fica mais fácil.
P6	Grande aceitabilidade.
P7	Algumas apresentam dificuldade em aceitar a rotina, outras aceitam logo.
P8	Aceitam depois do processo de adaptação.
P9	Algumas aceitam muito bem e questionam quando algo sai da normalidade.

Neste quadro a relação das crianças com a rotina está sujeita a um período de adaptação, visto que a P9, afirma que quando as coisas saem da normalidade as crianças questionam. E estamos contribuindo para a formação de identidades de sujeitos submissos ou queremos contribuir para a formação de sujeitos críticos e participativos? E a dificuldade em aceitar a rotina por parte de algumas crianças, como afirma a P7 não seria uma forma de mostrar que o mundo infantil vai além de regras para a formação de sujeitos que sigam as regras do capitalismo do mundo pós moderno? E como forma de tentar responder a essas indagações vem o questionamento apresentado no quadro 09.

Quadro 09

Docentes	Existem atitudes de antidiplina? Como ela aparece no dia a dia da creche?
P1	De forma clara, a grande maioria não gosta de ser contrariada
P2	As crianças não conseguem se adequar a rotina da creche, elas usam da antidiplina o tempo todo para chamar atenção para o que querem.
P3	Algumas vezes existem na sala de aula.
P4	Apresentam resistências quanto as regras propostas demonstrando desinteresse em algumas ações.
P5	Quando as crianças não aceitam as regras de convivência, foge da fila, bate no colega...
P6	Quando a criança tem um comportamento que diverge do estabelecido. A família é chamada e as vezes o Conselho Tutelar é acionado.
P7	Em vários momentos, como quando a criança é contrariada, quando apresentam seu egocentrismo não aceitando a disciplina.
P8	Quando a criança não tem o limite cobrado pela família, aí não aceita as regras da escola.
P9	O egocentrismo proporciona ações de antidiplina como quando a criança não quer dividir o brinquedo, quando chora para não fazer o que lhe é sugerido, etc.

A antidiplina enfocada nesta pergunta como vemos está presente nas respostas de todas as professoras. O egocentrismo infantil, próprio da idade, aparece como explicação para as atitudes infantis e percebemos com isso que a antidiplina é um fator preponderante da importância de dar as crianças a chance de serem precursoras do seu processo de ensino com a mediação do adulto.

Então, para exercer a capacidade de criar e interagir devem ser oferecidas as estas, condições para que sua aprendizagem aconteça por meio de experimentos e assimilações, pois a ação do sujeito infantil na relação com outro permite a interiorização de modelos sociais necessários ao convívio em sociedade garantido as

condições necessárias ao desenvolvimento da identidade do sujeito e do exercício da cidadania.

A oportunização da participação da criança nas tomadas de decisão, questionada na relação de poder da quinta pergunta, é unânime o burlar das regras, a não aceitação de tudo que é proposta, a quebra do planejamento para atender as necessidades pontuais colocadas pelas crianças. Vinculando esta pergunta a última que trata da antidiplina como mecanismo de alteridade, o egocentrismo aparece como um dos elementos responsáveis por essas ações, de maneira que cada sujeito é representado e construído de forma única onde na relação com o outro estabelece o seu lugar social.

E diante dessa visão, as professoras da Creche Félix Araújo apontam em nossa pesquisa que a identidade de suas crianças é construída também no espaço educativo, que no cuidar/educar com as mesmas se dá ora por meio da manutenção das regras e rotinas, ora por meio do trabalho árduo de conscientização dos pequenos num processo onde a relação com o outro é estabelecida como mecanismo de identificação e diferenciação promovendo, assim, a construção da identidade do sujeito/cidadão.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste TCC foi indagar o papel da rotina na formação/construção da identidade do sujeito infantil na contemporaneidade, refletindo como as relações de poder adulto/criança e criança/criança influenciam esse processo e também trazer à tona as “artes de fazer” do sujeito infantil para se constituírem-se enquanto sujeitos na identificação e diferenciação como outro. A medida em que essas indagações foram sendo discutidas, conceitos foram utilizados para esclarecer e aprimorar a importância do infantil na sociedade atual assim como papel atribuído ao infantil hoje.

Atualmente a rotina é entendida como categoria pedagógica que serve de âncora para o trabalho pedagógico nas instituição de Educação Infantil. E o momento nos mostra que a criança utiliza nesses espaços para fazer prevalecer os seus interesses e não apenas os interesses dos educadores.

Embora este seja um trabalho de estudo de reflexão, observação e análise do trabalho dos educadores da Creche Félix Araújo, nossa pretensão foi atentar as reivindicações do infantil e como esse estabelece relação com o mundo e com o outro. Para tanto, tivemos que analisar conceitos chaves que nos levaram a priorizar não apenas os aspectos pedagógicos da instituição em destaque, mas também a importância dada à criança e aos seus interesses. Ver a rotina como âncora, nessa perspectiva, seria um erro visto que ao longo de nossa pesquisa pudemos perceber que esta é instrumento de disciplina e ordem.

Quanto ao modelo disciplinador da rotina questionado, por unanimidade a rotina aparece como o vilão que rege o dia a dia da instituição de educação infantil no tocante aos horários e ao papel social que representa nesta sociedade capitalista onde tudo gira em torno de regras e horários, porém uma das educadoras apresenta uma proposta para o trabalho com a rotina que garanta o trabalho voltado para a afetividade, onde as crianças desenvolvam habilidades necessária para o convívio social.

Então, para exercer a capacidade de criar e interagir devem ser oferecidas as crianças condições para que sua aprendizagem aconteça por meio de experimentos e assimilações, pois o fazer pedagógico por meio do lúdico permite a interiorização de modelos sociais necessários ao convívio em sociedade garantido as condições necessárias ao desenvolvimento da identidade do sujeito e do exercício da cidadania.

Por fim, pudemos observar e apontar a força com que as mudanças estão acontecendo nas instituições de educação infantil no tocante aos aspectos pedagógicos e de atendimento às crianças de 0 a 5 anos de idade. Diante dessas mudanças defendemos que o sujeito infantil não é um sujeito passivo que deixou -se regular em cada momento histórico, mas que fez-se presente e distingue-se dos adultos mesmo quando chamados de miniatura. Contudo, o sujeito infantil teve uma característica ímpar em diferentes contextos e épocas, destacando-se de um “outro” sem valor até um “eu” que foi constituído de acordo com as concepções de infância ao longo do tempo. No mundo e no Brasil, ainda hoje, as crianças enfrentam violência preconceitos e abusos, mas já são vistas como sujeitos de direitos e é assim que percebemos o infantil.

Perceber as mudanças pelas quais a infância passou até chegar a contemporaneidade e isso está demarcado com características próprias e particulares que devem ser respeitadas em sua individualidade servindo de embasamento para as discussões e análises que contribuem para a (des)construção do mito de origem que se perpetua no tocante ao papel da criança no meio em que vive.

O respeito ao outro na relação de poder dentro do espaço educativo é o caminho a ser trilhado motivando o sujeito infantil a constituir-se de forma autônoma e livre, que diante da relação com o outro aprenda a posicionar-se demonstrando seu gosto, sua opinião e caminhe dando os primeiros passos enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças.** São Paulo, SP: Summus Editorial LTDA, 1983.

ARRIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de janeiro: Editora Guanabara, 1981

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por Amor e por Força:** a rotina na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de Edsino Fundamental – Brasilia: MEC/SEF, 1998, 1º v, il.

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Apresentação Carlos Roberto Jamil Cury. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A 2005.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e Educação:** era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

CRAIN DY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FILHO, Escrivão (et al.). **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** Fortaleza: ENEGEP, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, RJ: Editora Terra e Paz, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª edição – Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância:** da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente; tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce – 7ª edição –** São Paulo, SP: Editora Cortez, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. revisada, São Paulo: Atlas, 1991.

MEDEIROS, A. F.; NOGUEIRA, E. M. L.; BARROSO, F. C. S. Desatando os nós das políticas de educação infantil no Brasil. **Espaço do currículo**, v.5, n.1, p.287-293, Junho a Dezembro de 2011.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza (org). **Ser Criança:** repensando o lugar da criança na educação infantil. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes...[et al]. **Creches:** crianças, faz de conta & cia – 13º edição - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992.

ORTIZ. Cisele. CARVALHO. Maria Teresa Venceslau de. **Interpretações: ser professor de bebês** –cuidar, educar e brincar, uma única ação. São Paulo: Editora Edgard Blucher LTDA, 2012.

PRIORE, Mary Del (org). **História das Criança no Brasil.** São Paulo, SP: Editora Contexto, 2004.

ROCHA, Eloisa A. C. KRAMER, Sônia. (orgs). **Educação Infantil:** enfoques e diálogos. Campinas, SP: Editora papiros, 2011.

SILVA, Tomas Tadeu da. (org). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

VEIGA, I. P. **Caminhos da profissionalização do magistério.** Campinas: Papelivros, 2006.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA
ALUNA: JÚNIA BARBOSA LUZ DO RÉGO

Este questionário propõe colher dados para enriquecimento de meu trabalho monográfico que tem como tema: **A ROTINA DA CRECHE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL**

QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS:

IDADE: _____ GÊNERO: () F () M

1-Há quanto tempo trabalha na educação?

- () Até 05 anos
() De 05 a 10 anos
() De 10 a 15 anos
() Mais de 15 anos

2-Há quanto tempo trabalha com educação infantil:

- () Até 05 anos
() De 05 a 10 anos
() De 10 a 15 anos
() Mais de 15 anos

3- Como professor(a) você se sente contribuindo na formação de sujeitos que respeitem o outro e a si mesmo? De que forma ?

4-Você constrói uma rotina de aula com sua turma? De que forma?

5- Sendo a rotina usada como cartão de visitas nas instituições de educação infantil, elas podem ser apontadas como “processo disciplinador”?

6- Na relação de poder adulto/criança é permitida a participação das crianças no processo de tomada de decisão? De que forma?

7- Qual a reação das crianças ao lidarem com a rotina da creche?

8- Existem ações de “antidisciplina” ? Como ela aparece no dia a dia da sala de creche?



**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: A rotina da creche e a construção da identidade infantil

Pesquisadores responsáveis: Júnia Barbosa Luz do Rêgo e
Gracileide Alves da Silva

Informações sobre a pesquisa: Esta pesquisa subsidiará o trabalho monográfico titulado de: A rotina da creche e a construção da identidade infantil

Eu _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa, tendo:

- 1 - A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas da entrevista antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- 2 - A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- 3 - A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- 4 - A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- 5 - A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Diante do exposto, solicitamos o consentimento de sua participação voluntária no referido estudo, por meio da assinatura abaixo.

Campina Grande - PB, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do participante